



Outra cidade é possível

Another city is possible

Euclides Redin
maritar@brturbo.com.br
Rosane Romanini
smedareas@novohamburgo.rs.gov.br

Resumo: Este texto visa a alertar para a urgência de se projetar outra organização da cidade moderna. Da forma como a cidade se estruturou na modernidade, tornou-se inviável para a convivência humana. Em função de sua opção pelo mercado e pelo consumismo numa sociedade de desiguais, de incluídos-excluídos, a cidade morre todos os dias um pouco como espaço de convivência, de encontro e solidariedade. Predominam a insegurança, as inúmeras formas de violência e as poluições incontroláveis. Se a cidade se estabeleceu assim, o foi por escolhas históricas; então, poderá ser reconstituída por novas opções a partir de novos parâmetros. Quem faz a cidade são as pessoas que aí moram, porém em absoluta desigualdade de condições. Outra cidade é possível se dermos prioridade à parte de sua população mais frágil: suas crianças, e, a cidade sendo boa para as crianças, o será para todos. Ela será mais bonita, mais segura, mais leve, menos violenta e mais feliz. Inspirados nas características predominantes da infância e em experiências internacionais de “cidades das crianças”, propomos a reflexão sobre outra cidade possível.

Palavras-chave: infância, cidade, educação, políticas públicas.

Abstract: This text calls attention to the urgency of projecting another organization for the modern city. In the way the city has been structured in modernity, it became unviable for human life together. Because of its option for the market and consumerism in a society of unequal people, of included-excluded people, the city dies every day a little as a space of conviviality, encounter and solidarity. What predominates is insecurity, innumerable forms of violence and uncontrollable pollution. If the city established itself in this way, this was due to historical choices; therefore, it could be reconstituted by new options based on new parameters. The city is made by the persons who live in it, although under absolutely unequal conditions. Another city is possible if we give priority to the most fragile part of its population: its children. If the city is good for children, it will be good for all. It will be more beautiful, safer, lighter, less violent and happier. Inspired by the predominant characteristics of childhood and by international experiences of “children’s cities,” the article proposes a reflection about another possible city.

Key words: childhood, city, education, public policies.

Uma cidade é constituída por suas casas, prédios, praças e pessoas. Isto todas as cidades têm. Além disto, uma cidade possui outras coisas que a gente não vê, que são o seu jeito de ser, que são sua “alma”. Ela pode ser bonita, colorida, cheia de árvores, muitas floridas, muitas pessoas se encontrando, se ajudando, se abraçando, muitas crianças passeando de mãos dadas com suas mães, brincando com outras crianças, tomando sorvetes (de cinco bolas)... tem casas, dentro das quais moram outras crianças, que têm janelas abertas, e nas janelas existem flores e, à noite, estão iluminadas. As cidades serão para as pessoas passarem, e às vezes passarão também carros e caminhões. Mas as ruas serão para as pessoas; se forem para carros somente, elas não terão “alma”.

É difícil chegar a uma definição única dos diversos tipos de cidades que se constituíram historicamente. Spengler (*in* Goitia, 2002, p. 16-17) elabora uma definição mais ampla e metafórica que acolhe as diferentes espécies de cidade.

O que distingue a cidade da aldeia não é a extensão, não é o tamanho, e sim a presença de uma alma cidadã [...] O verdadeiro milagre é quando nasce a alma de uma cidade. Subitamente, sobre a espiritualidade geral da cultura, destaca-se a alma da cidade, como uma alma coletiva de nova espécie, cujos últimos fundamentos permanecerão para nós um eterno mistério. E, uma vez descoberta, forma um corpo visível. A coleção de casas da aldeia, cada uma das quais tem sua própria história, converte-se em um conjunto único. E este conjunto vive, respira, cresce, adquire um rosto peculiar e uma forma e história internas. A partir deste momento, além da casa particular, do templo, da catedral e do palácio, constitui a imagem urbana em sua unidade objeto de um idioma de formas e de uma história estilística, que acompanha em seu curso todo o ciclo vital de uma cultura.

Existem, em toda parte, aglomerações humanas, muito consideráveis, que não se constituem cidade. São centros, porém não formam, interiormente, mundos completos. Não têm alma. São agrupamentos, mas não são cidades. São mercados, pontos de interesses mercantis ou financeiros... Onde não se pode dizer que se viva uma vida peculiar e própria. Com a revolução industrial teve origem, certamente, a cidade moderna sem alma, com seu brutal e caótico desenvolvimento, sem lei e sem controle sob o pragmatismo utilitarista. São cidades “desalmadas” construídas e reputadas símbolo do progresso.

Uma cidade só terá “alma” se garantir a vida plena e digna de todos. E a vida exige também beleza, gratuidade, cultura, solidariedade e bem-querer.

O que compõe uma cidade em contraposição ao rural é a proximidade: estar junto é melhor. Ou não. Depende para o que as pessoas querem estar juntas. O que aproxima as pessoas, os objetos e as construções são as relações que existem entre todos – caso contrário, no outro lado da rua podem começar o oceano infinito e a escuridão, a insegurança.

Todas as cidades são iguais? Não, a minha cidade guarda minhas mais belas lembranças e meus sonhos mais lindos. Nenhuma outra é assim... ela esconde um tesouro que é preciso descobrir todos os dias. Contudo, embora esta cidade seja minha, ela é constituída por muitos, por muitas e contraditórias relações.

Marco Pólo descreve uma ponte, pedra por pedra. – Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan. – A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco –, mas pela curva do arco que estas formam. Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta: – Por que falar de pedra? Só o arco me interessa. Pólo responde: – Sem pedras o arco não existe (Calvino, 1999, 75).

Ou humanizamos nossa cidade ou ela nos consome, com sua correria, sua violência desalmada, suas poluições incontroláveis, seus medos... A humanização se fará quando os homens e as mulheres, as crianças, os adultos e os idosos começarem a acreditar que o outro, antes que se prove o contrário, é bom, solidário, amigo, com quem podemos caminhar de braços dados ou encontrá-lo em qualquer rua e não passar sem abraçá-lo.

A cidade, se todos quiserem, também pode aconchegar pela infra-estrutura: os locais públicos serão seguros, limpos e bonitos – evitar-se-á, de toda forma, que alguém corra qualquer tipo de risco; os muros, se forem necessários, que sejam para acolher, não para afastar e isolar; que as fábricas e as instituições comerciais e financeiras ajudem a produzir e comercializar bens para uso de todos e seu bem-estar, esqueçam o lucro e o progresso a qualquer custo. As escolas serão centros de cultura, os estádios espaços de festa, as igrejas monumentos para celebração da vida, do encontro e da alegria.

Se cada cidadão colocar sua pedra, o arco da ponte fará a ligação entre o sonho da cidade feliz e o cotidiano daqueles que aí vivem.

Ou fazemos uma cidade habitável e humana ou migramos todos para a “cidade virtual”, a “cidade eletrônica”, fechados no castelo da nossa casa, do nosso apartamento, do nosso condomínio dourado. Da nossa solidão transitamos pelas ruas das cidades do mundo e fazemos compras, divertindo-nos, participando de todas as novidades da cultura, da arte e de todas as formas de comunicação e informação; mas permaneceremos sós. Da cidade como uma construção histórica para o encontro, voltamos para a era da caverna ilustrada, sim, mas isolada.

O que será uma cidade feliz? A escola e especialmente as crianças po-

derão nos dizer qual será a cidade ideal:

A cidade deverá ter alamedas verdes,
A cidade dos meus amores,
Quem dera os moradores
... e os pintores e os vendedores,
... as senhoras e os senhores,
... os guardas e os inspetores
fossem somente crianças.
(Irmãos Grimm – Os músicos de
Bremen. Adaptação de Chico Buarque
nos Saltimbancos).

Não se pode para advogar uma cidade só para crianças. Isto significaria a institucionalização da cidade para a infância, correndo o risco sério de propor a cidade para o “disciplinamento dos corpos e das mentes”. Uma forma de dominação, de inclusão de alguns e de exclusão dos outros.

A “cidade dos homens” é uma invenção histórica voltada exclusivamente para os desejos e as necessidades humanas. Nesta cidade haverá lugar para todos: crianças, homens e mulheres, trabalhadores e artistas, praças, igrejas e fábricas... **mas tendo a função de possibilitar que todos fruam** da vida verdadeira, que valha a pena!

A cidade, nesta ótica, jamais seria uma paisagem inerte, nem mesmo natureza morta, porém um núcleo ativo de intercâmbios e trocas de todas as formas.

“Cidades dos homens” (alusão à obra “A cidade de Deus”, de Santo Agostinho) é interpretada como

[...] sendo uma instituição social que, como a família, a escola, o Estado, a economia, a propriedade, a ideologia e a utopia são consideradas criações humanas... onde os seres humanos poderão fundar suas instituições e fixar suas leis em busca da liberdade, da solidariedade, da justiça e do bem-estar dos indivíduos e da sociedade, transcendendo a realidade empírica alcançada (Freitag, 2002, p. 10).

Na linha da evolução humana, sobreviveram e se desenvolveram aqueles grupos de animais capazes ou circunstancialmente obrigados a viverem juntos, a serem solidários. Tanto isto é verdade que, por hipótese, a espécie humana não é descendente dos dinossauros, mas dos símios: não são os mais fortes que sobreviveram, mas os mais solidários. Assim fizeram seu espaço de existência nos bandos, nos grupos, nas cavernas, nas tabas, nas aldeias... nas cidades. No grupo se estabeleciam o encontro, a segurança, as trocas, a sobrevivência. Neste ambiente, assim articulado, pode haver igualdade na diferença, a solidariedade, a proteção coletiva, as parcerias. A cidade como espaço multitudinário, sinuoso e enviesado... ensolarado e, ao mesmo tempo, carregado de silêncios e incógnitas. O que gera a cidade que ameaça é a sociedade desigual e injusta, excludente e exploradora. Daqui nasce a violência, não da proximidade dos humanos. Houve um tempo em que na cidade dos seres humanos coube às mulheres o papel de cuidar da prole, dos doentes e dos velhos e também o cultivo da terra e a veneração dos mortos (antes da *pólis* teria surgido a *necrópolis*!).

A nova cidade que necessita urgentemente ser reinventada será decorrência de uma nova organização social para além do capital em todas as suas formas de exploração. Será equânime, pluriétnica, intercultural, ecumênica. Será solidária, produtora de cidadania e de cidadãos emancipados. Será a moradia dos humanos reencontrados.

Esta reinvenção certamente não será articulada nem pelos homens, nem pelas mulheres. Talvez a articulação de uma nova forma de relações entre os humanos seja daqueles seres que essencialmente necessitam de humanidade: a criança. Uma cidade boa será aquela que respeita nossas crianças.

[...] se reconhecermos à criança a competência, se para ela desejamos a autonomia que ela precisa, e se nos convenceremos de que a criança pode ser uma grande aliada para a mudança real e radical da cidade na perspectiva de uma cultura da infância. a pergunta será: como a criança pode ajudar os adultos? Esse é o sentido do projeto “A Cidade das Crianças”, esse é o cerne de uma filosofia de governo da cidade: “assumir a criança como parâmetro para garantia de todos os cidadãos a partir dos mais fracos, na certeza de que se uma cidade for adequada às crianças, será uma boa cidade para todos (Tonucci, 2005, p. 209).

Fazer um projeto coletivo e bem articulado de cidade, onde a convivência comunitária se torne uma via de construção da solidariedade e confiança entre os moradores, na busca de alternativas para o bem viver de todos, torna-se fundamental. Para esta tarefa a criança será uma parceira privilegiada naquilo que lhe é predominante nesta fase: a ludicidade.

Os esportes e o lazer de massa, bem como a indústria do esporte, levaram o cidadão à passividade e à acomodação, fortalecendo a desmobilização e enfraquecendo os vínculos comunitários. Devolver os espaços públicos às crianças fortalece os laços sociais e desperta sentimentos de pertencimento e de confiança na comunidade. Praças bem cuidadas e próximo dos moradores possibilitam que as crianças usufruam da companhia de amigos e familiares, assim como ruas e calçadas. Essa experiência de estar num espaço público rodeada de outras pessoas e próximo de sua casa permite à criança viver uma experiência de autonomia cotidiana, que poderá ser utilizada sempre que possível, pois poderá se deslocar de sua casa a pé acompanhada de amigos ou familiares, o que nos dá uma grande esperança de que as crianças invadam a cidade.

Vislumbrando essa cidade, propomos repensar o lugar do brincar nos espaços públicos.

O lúdico é um dos traços fundamentais da cultura infantil (não sendo exclusivo do mundo infantil, mas próprio do humano), da socialização, da aprendizagem e do desenvolvimento da corporeidade infantil.

Como encontra-se o lúdico nos espaços e tempos da infância? Que políticas públicas contribuem para que as crianças vivam e se desenvolvam nos espaços públicos de suas cidades?

Do homem da sabedoria, da racionalidade (*homo sapiens*) ao homem das relações com o trabalho (*homo faber*), surge o *homo ludens*; conforme Huizinga, essa é a terceira dimensão do homem. Além do raciocínio e do fabrico de objetos, que se verifica tanto na vida humana como no animal, “já há muitos anos que vem crescendo em mim a convicção de que é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve” (Huizinga, 2004, introdução).

A racionalidade foi proclamada como a especificidade exclusiva e única do ser humano, distinguindo e valorizando o homem como o ser mais poderoso dentre toda a vida planetária (laços de interdependência de todos com todos). O eucentrismo passou a ser a forma de compreensão da dinâmica na vida terrestre. O homem se viu afastado da possibilidade de viver o mágico. A razão constituiu-se como única forma de pertencer à humanidade.

As diferentes revoluções econômicas e industriais trouxeram, com o trabalho, outra dimensão para as atividades humanas. O trabalho passa a ser a grande atividade do homem. A produtividade é a característica do homem adulto. A liberdade passou a ter hora e tempo. Passou, também, a ter definições e rótulos. O *homo ludens* se perdeu na complexidade da vida moderna, na sofisticada-

ção das relações sociais, no crescimento das instituições que confinam pessoas e no excesso das informações.

Como encontrar a dimensão perdida do *homo ludens*? Será uma dimensão perdida ou esquecida? Talvez uma forma de compreendê-la possa ser pela via de tentar encontrar o humano brincador. Desde que momento se percebeu que o homem brincava?

Humanizar-se parece ter sido sempre o grande sonho do homem. Tornar-se mais humano, constituir-se um ser pleno. Infelizmente, a humanização confundiu-se com o processo de desenvolvimento científico e tecnológico. São inquestionáveis as novas tecnologias, a facilidade de acesso à informação, as grandes descobertas. Mas diminuíram a miséria, a fome, a ganância? O processo de escravidão suportado por imensas massas de humanos condenados a misérias deixam num vazio sepulcral o sonho de plenitude existencial.

Surge como um vislumbrar de uma busca interior, conforme Silvino Santin, em seu livro *Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento* (1994), ter como ponto de partida o próprio homem, afirmando ele que “a humanidade precisa retornar ao ponto do desvio de sua rota em direção ao ideal de humanização” (p. 12). Santin compreende a idéia de retorno não como uma busca ao passado, mas como possibilidade de recuperar ideais perdidos, corrigir desvios de rota e redefinir novos caminhos que poderão conduzir a um processo de humanização como existência humana. Alternativas para o homem que criou e cria o seu próprio mundo humano. Este autor indica que o *homo ludens* é uma das alternativas. “O homem só se torna completamente humano quando brinca” (Schiller, in Santin, 1994, p. 18). Huizinga diz que o brincar é liberda-

de, referindo-se às crianças e aos animais que brincam porque gostam de brincar. O poder criador do homem é concretizado no ato de brincar, diferenciando-se do brincar animal pelo valor que é dado ao jogo, ultrapassando totalmente a esfera biológica. O brincar do animal só se realiza com a presença do objeto; já o lúdico humano consegue atuar com a aparência (a aparência consiste em agir sem a presença do objeto real). Como diz o autor, o brincar faz nascer o homem, citando Mário Quintana quando este diz: “se pode, em dias claros e limpos, sonhar com violinos azuis de cordas de vento” (p. 18).

Uma outra forma de apreender a fenomenologia do lúdico é no ato de brincar e na forma como se comporta o brincador, caminho interessante que se faz adentrando o mundo do brincar infantil.

Apesar de o mundo infantil ser aprisionado, invadido e valorizado pelas significações do mundo adulto, as crianças produzem significações autônomas (Sarmento, 2003).

Para a criança, brincar e viver, viver e brincar se constituem nos “porque sim”, que muitas vezes são dados às perguntas dos adultos. A esses ainda “porque sim” damos a significativa importância em a própria criança oferecer uma resistência ao mundo adulto, que quer explicações racionais e causais para tudo e todos.

Huizinga explica que o jogo tem como característica o fato de ser ele próprio liberdade, ser livre. O jogo não é vida “corrente” nem vida “real” (2004, p. 11). Ele considera o jogo uma evasão da vida “real”. Poderíamos dizer que a criança, em seus jogos, cria vários mundos temporários dentro do seu mundo real, apreendendo e recriando, assim, a sua cultura de uma forma mais compreensível e agradável para ela.

Ao adulto torna-se difícil se reencontrar com a “sua criança”. O forte rompimento das relações do traba-

lho com as da ludicidade se torna barreira quase que intransponíveis. À criança se legou, ou melhor, se tenta preservar o legado do brincar; ao adulto, o do trabalho produtivo. Desta forma, Santin (1994) cita uma descrição de Eugen Fink: “Como adultos, admiramos com certa inveja o brinquedo das crianças, a felicidade de sua entrega ao brinquedo, a profusão de formas e regras livremente escolhidas; admiramos no brinquedo o élan livremente desabrochado da vida” (p. 24). O brincar combina com as idéias de liberdade e de invenção, exatamente o inverso do sistema do trabalho, para o qual a produtividade exige obediência e execução correta das tarefas. Segundo Winnicott (1975), para se manter um estado saudável de vida é preciso viver criativamente, característica fundante do brincar, e a submissão, ao contrário, é que é a base doentia.

O impulso lúdico é um existir do homem no mundo e com o mundo. Não exige nenhum ato preparatório (Santin, 1994). O esporte e o trabalho nasceram da criatividade lúdica, mas tornaram-se atividades produtivas com fins e meios determinados, deixando de ser lúdicos. Só é possível manter a liberdade da magia lúdica quando não houver opressão por rendimentos ou produção.

Esse endeusamento do racional, do progresso, do rendimento e da produção, marca a cidade moderna, excluindo, evidentemente, o gratuito, o lúdico e o prazer.

Em total aceitação de que a ludicidade é da vida em todas as suas fases, pensar na possibilidade do desfrute do fazer, sem pensar num objetivo externo, numa produção visível, apenas validar a atividade realizada em si mesma, parece-me um dos caminhos para o encanto do conviver. Nas palavras de Maturana, “ninguém pode agir ou comportar-se fora do domínio de possibilidades que sua corporeidade implica”,

e “o ser humano que um humano chega a ser vai se constituindo ao longo da vida humana que ele vive” (2004, p. 124 e 126). Por isso, é urgente repensar a cidade moderna num outro parâmetro: a infância.

A infância se caracteriza por um longo período de plasticidade e aprendizagens que se darão por influência das condições exteriores. Seu desenvolvimento será sensível a sua realidade, acidentes e traumas. Por ser concreta, compreenderá, ou não, muitas relações de poder, de amor, de acolhimento e de respeito. Dará muitas respostas, se assim viver num ambiente que a valoriza e lhe oportuniza participar da vida que a cada novo dia se faz.

A possibilidade de vermos hoje nossas crianças disponíveis para a fruição, a espontaneidade e liberdade está cada vez mais escassa: um tempo que é necessário para a autodescoberta, o pensar sobre sua vida, abrindo outros horizontes, enriquecendo sua vida interior.

Para entender este ser no mundo – o *homo ludens*, conforme Santin – (1987), precisamos partir de um ponto de referência. Esta referência, na visão do autor, é o corpo, no qual os horizontes da ludicidade se formam e se estendem. O corpo lúdico alcança, na sua interpretação, três instâncias, formando uma intercorporeidade: a primeira é a de quem brinca, a segunda a dos outros que fazem parte da brincadeira, e a terceira a da corporeidade de tudo aquilo que entra como matéria-prima do ato de brincar.

O corpo é o lugar indispensável para estar no mundo, para ser visível, para existir no tempo e no espaço. É nele que a ação lúdica desperta prazer, fruição, emoção, ou seja, um conjunto de valores que só pode ser experimentado por aquele que brinca, pelo brincador numa paisagem lúdica e com elementos que a compõem.

Tomada como uma forma de viver, a paisagem lúdica é composta de fruição, que expressa o ser no mundo, e que só pode ser vivenciada e sentida pelo corpo. O mesmo autor refere-se à paisagem lúdica (1987, p. 32) como uma forma de viver. Nela estão todos os sentimentos que podem ser vivenciados corporalmente, sem excluir o esforço, o sacrifício, a frustração. O brinquedo é fruição, e a fruição é corporal (Santin, 1981). Segundo Schiller in Santin, “o homem, quando brinca, pertence somente a si próprio, e só brinca quando pertence a si próprio. O brinquedo transforma o corpo num instrumento musical, a cada estímulo nasce uma sensibilidade, a cada gesto acompanha uma vibração, a cada movimento vive uma emoção, a cada toque brota um sentimento. Brincar é amar e viver a plenitude do corpo em todas as nuances que compõem a melodia da vida.” (Santin, 1987, p. 32).

Fazer das escolas e das cidades a casa das crianças é, neste início de século XXI, um dos grandes desafios, na possibilidade de humanização, revendo o nosso próprio mundo de uma forma mais pacífica e bela. Esse mundo se materializa no cotidiano da cidade.

No dia em que uma criança pegar em teu dedo e sair caminhando contigo, tu jamais te livrarás dela! Ela terá te capturado para sempre, e juntos poderemos vislumbrar uma outra cidade possível.

Referências

- ARIÉS, P. 1981. *História social da criança*. 2ª ed., Rio de Janeiro, LTC Editora, 279 p.
- CALVINO, Í. 1999. *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 150 p.
- FREITAG, B. 2002. *Cidade dos homens*. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 254 p.
- GOITIA, F.C. 2002. *Breve historia del urbanismo*. Madrid, Alianza Editorial, 253p.

- GOMÉZ-GRANELL, C. e VILA, I. 2003. *A cidade como projeto educativo*. Porto Alegre, Artmed, 152 p.
- HUIZINGA, J. 2004 *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo, Perspectiva, 321p.
- MATURANA, H.R. e VERDEN-ZÖLLER, G. 2004. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo, Palas Athena, 264 p.
- POSTMAN, N. 1999. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro, Graphia, 190 p.
- REDIN, E. 1998. *O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca*. Porto Alegre, Mediação, 85 p.
- REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. e WÜRDIG, R.C. 2003. Políticas públicas para a cidade educadora na perspectiva da infância: interfaces entre o lúdico, a escola e a cidadania. *Educação UNISINOS*, 7(13):113-132.
- SANTIN, S. 1987. *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí, UNIJUÍ Editora, 115 p. (Coleção Ensaios – Política e Filosofia, 2).
- SANTIN, S. 1994. *Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. Porto Alegre, Edições EST/ESEF-UFRGS, 136 p.
- SARMENTO, J.M. 2000. O estudo de caso etnográfico em educação. Braga, Portugal. mimeo, 43 p.
- SARMENTO, J.M. 2001. Educação e políticas de exclusão: a negação dos direitos da infância. Fórum Mundial de Educação. Porto Alegre. mimeo, 18 p.
- SARMENTO, J.M. 2003. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade. Texto mimeo.
- TONUCCI, F. 1996. *La città dei bambini*. Roma-Bari, Laterza & Figli Spa, 22 p.
- TONUCCI, F. 2005. *Quando as crianças dizem: Agora chega*. Porto Alegre, Artmed, 220 p.
- ZITKOSKI, J.J. 2004. Uma perspectiva a partir da Cidade Educadora. *Informativo da Associação dos Docentes da UNISINOS*, 33:3-4.

Submetido em: 22/01/2007

Aceito em: 09/03/2007